

CÉU DA LIBERDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS ACERCA DE BANDEIRAS NAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS

JESSICA FERNANDES DA PORCIUNCULA¹; RENATA REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – jessporc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão crítica no campo das artes visuais contemporâneas, vinculando a poética autoral a questões políticas, partindo da incorporação de bandeiras em produções artísticas. Seu cerne é um conjunto de obras de arte autorais, criadas entre 2020-22, parte de pesquisa, já em fase final, desenvolvida no PPG em Artes Visuais, da UFPel, na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, sendo bolsista CAPES DS e integrante do grupo de pesquisa CNPq “Artefatos para leitura e construção do *pequeno território*”, coordenado pela profa drª Renata Azevedo Requião. A obra que trago com mais realce se intitula *Céu da liberdade* (2022), um objeto que é uma bandeira. Como se nota, seu título ajuda a compor o título desta apresentação. Desde 2019 investigo possíveis concepções imagéticas constitutivas de uma identidade nacional. Tanto nas linguagens de performance, autorretrato, audiovisual, quanto em objetos tridimensionais, venho realizando desdobramentos dessa questão identitária, envolvendo não apenas a bandeira brasileira, mas também outros símbolos nacionais, como o hino e o futebol. Há naturalmente uma potência desses elementos na construção da ideia de nação, isso me leva, em muitos momentos de meu processo artístico, a ser fortemente impregnada pelo conhecimento da realidade social (MELENDI, 2017), assumindo que se misturam em minha prática poético-visual realidade poética e realidade política (GULLAR, 1978). Dentre as referências para essa produção e análise, estão os artistas Mulambö (2021) e Emmanuel Nassar (2010), dos quais trago obras com processos aos quais os meus se assemelham — como a construção e reconstrução de bandeiras a partir da observação de símbolos e projeções acerca da identidade nacional.

2. METODOLOGIA

Um dia ouvi da boca de um poeta — “Quando digo que minha poesia se confunde com minha vida digo o que qualquer outro poeta diria de sua própria poesia. Faço-o, no entanto, aqui, para sublinhar o fato de que, em minha experiência, o trabalho poético sempre esteve comprometido com indagações que o antecedem e transcendem.” (GULLAR, 1978). Assim como Gullar, meus métodos perpassam a linha tênue entre minha obra e minha vida, entre o poético e o simbólico. Como artista visual, me interessei pela análise e apropriação de objetos cotidianos: para mim, materiais capazes de propor sentidos e simbologias, como uma bola de futebol. Culminante a isso, me interessavam investigações sobre a bandeira do Brasil e outros símbolos nacionais, tanto o próprio objeto da bandeira, como símbolo político, quanto outros elementos de reforço de nosso território. Minha primeira bandeira, a obra *Sol da Liberdade* (2020) (Fig. 1), foi produzida a partir de um acontecimento factual, ocorrido em contexto local, com repercussões nacionais. Construído em referência ao dia 8 de novembro de 2019,

quando uma ação truculenta da Polícia Militar interrompeu o evento cultural de rua *Festa da Primavera*, realizado por artistas locais, em sua maioria alunos do Centro de Artes da UFPEL. No título, faço referência a expressão “Sol da Liberdade”, encontrada no hino nacional, questionando justamente a liberdade censurada naquela noite. Antes e depois disso, nas obras *Falta* (2019) (Fig. 2) e *Bola fora* (2021) (Fig. 3) a bandeira do Brasil foi explorada junto de outro símbolo nacional: o futebol, através do personagem principal do jogo que é a bola. O círculo azul da bandeira nacional vira um miolo azul que salta de dentro de uma bola de futebol azul celeste, furada e rasgada. Na obra *Falta*, o termo se refere a qualquer infração cometida em campo, mas não só, vivemos num país de faltas, de precarização. Faltas, no campo e na vida real, que podem ser classificadas por sua gravidade. Uma escultura que insinua uma bandeira circular e não retangular, como costumam ser as bandeiras das nações. É circular como a marca do meio de campo, de onde se inicia o jogo. Agora, na obra *Bola fora*, os mesmos objetos aproximam-se de outra série de minha produção, os autorretratos. Seguro a bola furada na altura da cabeça, cobrindo meu rosto, tendo ao fundo uma parede azul, na mesma tonalidade da bola. O título toma a expressão “bola fora”, frequente nos jogos de futebol, também popularmente usada para dizer de quando alguém faz um comentário indevido, ou fora de hora – na vida em geral. Nesta obra, parte do processo é impulsionado por um acontecimento factual específico, como na obra *Sol da Liberdade*, o fato de o Brasil sediar a Copa da América, evento que já havia sido recusado por outros países da América Latina, devido ao desenfreado aumento de mortes por *Covid-19*. A imagem das mãos e braços segurando a bola, remetem a um troféu ou taça — a partir da primeira conquista de um título na Copa do Mundo FIVA, em 1958, as políticas públicas para o povo ficam preteridas se compararmos o imenso investimento do Brasil como o “País do Futebol”, epíteto com que ficou conhecido mundialmente.

No ano de 2021, no dia 9 de novembro, dia da bandeira – em uma mesa em meu ateliê disponho alguns recortes da bandeira nacional e outros tecidos, realizo algumas montagens a partir da dobra e sobreposição destes recortes, como nesta obra ainda sem título (Fig. 4). Aqui busco recompor a bandeira do Brasil, me parecia faltar o vermelho das brasas, do sangue e do famoso pau-brasil. No dia 9 de fevereiro de 2022, um dia qualquer – na mesma mesa de meu ateliê, manejo o recorte do miolo azul da bandeira nacional sobre outros tecidos, sendo este exatamente o mesmo recorte utilizado nas obras *Falta* e *Bola fora*, citadas anteriormente. O azul que foi escondido no processo de meses atrás, agora é explorado e o que se esconde é a faixa branca onde se lê “Ordem e Progresso”, nasce neste dia a obra *Céu da liberdade*.



Figura 1: *Sol da Liberdade* (2020), 100 x 70 cm. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2: *Falta* (2019), 60 x 60 x 30 cm. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3: *Bola fora* (2021), dimensões variadas. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4: *Sem título* (2022), 30 x 30 cm. Fonte: Acervo pessoal.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Céu da Liberdade (2022) (Fig. 5), uma bandeira contemporânea, onde um círculo de tecido azul e estrelado é posto sobre o breu de um veludo azul. Os olhos se acostumam, e nota-se aos poucos que é o recorte do miolo da bandeira nacional, dobrado e rotacionado em seu eixo, dando a ver outra perspectiva deste símbolo — este material é mais uma vez reinventado em minha produção.



Figura 5: *Céu da liberdade* (2022), 40 x 30 cm. Fonte: Acervo pessoal.

A frase “Ordem e Progresso” em nossa bandeira é inspirada no lema político do positivismo: “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”, de August Comte — chega a ser irônico e também cruel como, nos últimos tempos e marcadamente sob a pandemia, os brasileiros parecem terem descartado deste lema justamente o amor. Assim, vigoram a ordem e o progresso a qualquer custo, eliminando uma marca de bom moço que nossa brasiliade sempre garantiu. Em meu processo retiro esse lema, e me parece que sem ordem nem progresso, liberados dessa tarefa talvez, consigamos enxergar de outra forma nosso céu, com mais liberdade. O título faz referência tanto à obra já citada *Sol da Liberdade* (2020), que carrega junto dela a citação ao hino nacional, quanto à ideia de uma liberdade advinda do rompimento com o próprio lema, e suas implicações histórico-sociais em nosso país.

O artista Mulambö, na obra *Terra Estrelada* (2021) (Fig. 6), propõe uma bandeira de fundo listrado em duas tonalidades de vermelho, um quadrado preto no canto superior esquerdo é coberto por dezesseis estrelas amarelas. Tal composição é pintada com tinta acrílica sobre a bandeira dos EUA (Fig. 7). Graficamente também lembra a *Bandeira Provisória da República do Brasil* (Fig. 8) de 1889, porém aqui, nas cores vermelho, amarelo e preto. Segundo o artista, a obra faz homenagem às populações de toda América Latina e Caribe que ocupam o território dos EUA (MULAMBÖ, 2021). Já o artista Emmanuel Nassar, nas obras *Céu Azul* (2010) (Fig. 9) e *Céu Verde* (2010) (Fig. 10), explora a imagem da bandeira nacional manuseando as cores e estrelas, retirando também o lema nacional “Ordem e Progresso”.

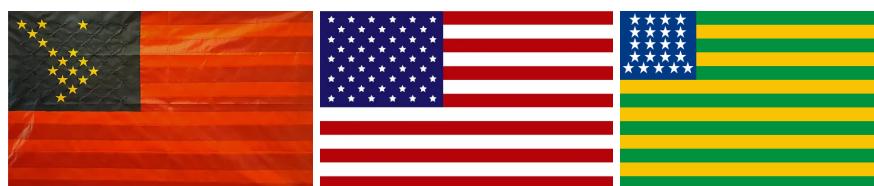


Figura 6: *Terra Estrelada* (2021), de Mulambö, 90 x 150 cm . Fonte: Site oficial do artista.

Figura 7: Bandeira dos EUA. Fonte: UOL

Figura 8: Bandeira Provisória da República do Brasil. Fonte: IBGE



Figura 9: Céu Azul (2010), de Emmanuel Nassar, 90 x 130 cm . Fonte: Pinacoteca.

Figura 10: Céu Verde (2010), de Emmanuel Nassar, 90 x 130 cm . Fonte: Pinacoteca.

As bandeiras de Mulambö e Nassar, me interessam por suas argumentações poético-visuais advindas do uso deste símbolo nacional, e principalmente pela exploração das estrelas, que simbolizam nossos estados — há um elaborado trabalho de conscientização da potência simbólica existente nas imagens envolvidas nos trabalhos — bem como na construção de bandeiras associada à ideia de nação, dando a ver suas percepções políticas e socio-culturais.

4. CONCLUSÕES

Me parece que a arte é um dos únicos lugares onde é possível interiorizar os conflitos e elaborá-los como experiência — a obra de arte despertaria um estranhamento capaz de nos impregnar com o conhecimento da realidade social ao provocar rupturas, perturbações e percepções alteradas. Assim, a arte contemporânea demonstra potência de elaborar imagens que logram uma certa intermitênciam temporal, dando a ver assuntos escamoteados pela narrativa histórica, tanto do passado recente quanto do distante (MELENDI, 2017). Percebo essa atemporalidade nas obras referidas, quando bandeiras são criadas em diferentes épocas, mas parecem dizer das mesmas indagações acerca de uma sucateação violenta da cultura e dos direitos civis na realidade política do país. Criar uma bandeira na contemporaneidade é um ato mais que simbólico ou poético, implica em pensarmos sobre a identidade, tanto ao valorizar e garantir os direitos de um coletivo — nação — quanto do indivíduo — cidadão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GULLAR, Ferreira. **Uma luz do chão**. Rio de Janeiro : Avenir Editora, 1978

MELENDI, Maria Angélica. **Estratégias da arte em uma era de catástrofes**. 1^a ed. Rio de Janeiro : Cobogó, 2017.

PORCIUNCULA, Jessica Fernandes da; REQUIÃO, Renata Azevedo. Sol da Liberdade: Investigações entre poética e política nas artes visuais contemporâneas. In: 6^a SEMANA INTEGRADA DA UFPEL 2020 - XXII ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, Pelotas, 2020, **Anais ENPÓS** - Área: Linguística, Letras e Arte, 2020. Acessado em: 15 ago. 2021. Disponível em: <https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2020/LA_04206.pdf>.

SÃO PAULO, Pinacoteca de. **Emmanuel Nassar**. São Paulo : Pinacoteca de São Paulo, 2018. Acessado em: 15 ago. 2021. Disponível em: <<http://www.emmanuelnassar.com/assets/en-81-18.pdf>>